Ano 1.º — N.º 12

Guimarães, 10 de Junho de 1916

O REPUBLICANO

PROPRIEDADE DO Centro Democrático Vimaranense

EDITOR E ADMINISTRADOR, António de J. Texera
Comp. e imp. Tipografia Pires

REDACTOR PRINCIPAL, Eduardo d'Almeda
Red. e adm. Rua de Gil Vicente

ESCRITORES VIMARANENSES

GIL VICENTE

A oito de junho de 1502, na câmara da Rainha Dona Maria, na segunda noite do nascimento de seu filho o Principe D. João, o terceiro em Portugal dêste nome, entrou Gil Vicente vestido de vaqueiro e recitou a sua primeira obra de devação:

Pardiez! siete arrepelones
Me pegaron á la entrada,
Mas yo di una puñada
A' uno de los rascones.

Esta *cousa nova*, representada na côrte e na presença de D. Manoel, Dona Beatriz, Duqueza de Bragança e filha, foi a fundação dum teatro nacional, inspirado na alma popular, com o ritmo das nossas velhas canções, ao desabrochar duma lingua própria, hesitante, ingenua, mas risonha e pitorêsca.

O poeta, educado numa família de artistas, os lavrantes de oiro das oficinas de Guimarães, para abrir na farça a chacota ou nos autos as falas sentimentais do coração, colheu na vida movimentada e alegre do norte, em que tudo canta—o sol, as flôres—, com estranho poder de observação, não só os termos, as personagens, os dizeres, a manha arteira das respostas, o tom apaixonado dos namorados, mas—na expressão, na cadência do verso pequeno e cantante,—o acorde musical que ainda hoje conservamos e podemos ouvir nas aldeias mais afastadas do burgo, e em que haviam de inspirar-se não só os seus discipulos mas os nossos melhores poetas liricos.

.....

Velho.

Oh meus olhinhos garridos!
Minha rosa! meu arminho!
Moça—Onde he o vosso ratinho?
Não tem os cheiros colhidos?
Vel.—Tão depressa
Vindes vós, minha condessa,
Meu amor, meu coração?
Moç. Jesu! Jesu! que cousa he essa?
E que prática tão avessa
Da rezão!
Fallae, fallae d'outra maneira:
Mandae-me dar a hortaliça.
Vel. Gran fogo d'amor m'atiça
Oh minha alma verdadeira!
Moç. E essa tosse?
Amores de sôbre-posse
Serão os da vossa idade:
O tempo vos tirou a posse.
Vel. Mais amo, que se moço fosse
Com ametade.

Moça

E qual sera a desestrada
Que attente em vosso amor?
Vel. Oh minh'alma e minha dor,
Quem vos tivesse furtada!
Moç. Que prazer!
Quem vos isso ouvir dizer
Cuidará que estais vós vivo,
Ou que sois pera viver.
Vel. Vivo não no quero ser,
Mas captivo.

Moça

Vossa alma não he lembrada
Que vos despede esta vida?
Vel. Vós sois minha despedida,
Minha morte antecipada.
Moç. Que galante!
Que rosa! que diamante!
Que preciosa perla fina!
Vel. Oh fortuna triumphante!
Quem metteo hum velho amante
Com menina!
O maior risco da vida,
E mais perigoso, he amar;
Que morrer he acabar,
E amor não tem sahida,
E pois penado,
Ainda que seja amado,
Vive qualquer amador;
Que fará o desamado,
E sendo desesperado
De favor?

Moça

Ora dá-lhe lá favores!
Velnice, como te enganas!
Vel. Essas palavras ufanas
Acendem mais os amores.
Moç. O nome! estais as escuras;
No vos vêdes como estais?
Vel. Vós me cegais com tristuras,
Mas vejo as desaventuras
Que me dais.

Moça

Não vêdes que sois ja morto,
E andais contra natura?
Vel Ó flor da mor fermosura,
Quem vos trouxe a este meu horto?
Ai de mi!
Porque assi como vos vi,
Cegou minha alma e a vida;
E esta tão fóra de si,
Qu' em partindo vós daqui,
He partida.

Moça

Ja perto sois de morrer:
Donde nasce esta sandice,
Que, quanto mais na velhice,
Amais os velhos viver?
E mais querida
Quando estais mais de partida
He a vida que leixais?
Vel. Tanto sois mais homecida,
Que, quando amo mais a vida,
M'a tirais.
Porque minh'hora d'agora
Val vinte annos dos passados;
Que os moços namorados
A mocidade os escora.
Mas hum velho,
Em idade de conselho,
De menina namorado...
Oh minh'alma e meu espelho!
Moç. Oh miolo de coelho
Mal assado,

Velho

Quanto por mais avisado
Quem d'amor vive penando,
Terá menos siso amando
Porque he mais namorado.
Em concrussão,
Que amor não quer rezão,
Nem contracto, nem cautela,
Nem preito, nem condição,
Mas penar de coração
Sem querella.

.....

Da farça—*O Velho da Horta.*

CAMÕES

De Guimarães o campo se tingia
Co'o sangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãi, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor e a terra.
Com elle posta em campo já se via;
E não vê a soberba o muito que erra
Contra Deos, contra o maternal amor;
Mas nella o sensual era maior.

Lusiadas

Canto III, estancia XXXI.

*

Na Renascença ha o antagonismo de duas Almas, que se não compreëndem embaraçando a evolução normal da grande epoca historica: a Antiguidade classica, com o genio grego ponderado, artistico, scientifico, filosofico e politico, estabelecendo a harmonia entre a razão e o sentimento; a Idade Média, inpulsionada pelo christianismo, nascido dos cultos orgiasticos orientais, contagiando o delirio religioso dos mitos patéticos que renovara. Verdadeiramente inconciliaveis, estas duas Almas aproximaram-se na Renascença helenica dos seculos XIII e XVI, quando a teologia católica reproduzia a metafisica alexandrina, e quando as Literaturas nacionais procuravam imitar a beleza da forma. Raros foram os artistas e poetas que sonharam realizar êste acôrdo. A Renascença sob o influxo da Itália apresenta êsses dois aspectos, prevalecendo a autoridade classica; os genios e os talentos originais abdicam da sua individualidade, imitando subservientemente os novos modelos, como se observa em Garcilasso, Boscan, Sá de Miranda, Ronsard e Spencer. Essa subserviencia levou ao exagêro da admiração exclusiva dos escritôres gregos e latinos, ao emprego do latim nos escritos scientificos e historicos, e abandono das linguas vulgares no regimen pedagógico dos jesuitas. Protestantes e catolicos tinham igual desdem pela Idade Média. Sòmente um genio capaz de se inspirar do ideal humano e de sentir a tradição nacional, em uma criação desinteressada poderia unificar como sintese essas duas Almas, conciliando as duas epocas pela sua continuidade historica. Realizaram êste acôrdo artistas como Raphael, Miguel Angelo e Corregio, e poetas como Camões, cuja caracteristica é a conciliação dos dois espiritos classico e medieval. Este o seu lugar na escola italiana em Portugal, e em relação á Renascença na Europa, não pertence sómente á literatura portuguêsa.

A sua obra, inspirada de tôdos os elementos poeticos que constituem a tradição de uma nacionalidade, idealisa e representa êsse grande facto da vida hitorica do seculo XVI, a aliança do Ocidente com o Oriente, realizada pelos Descobrimentos dos Portuguêses. A gloria de Camões tem sempre aumentado com o progresso das sciencias e da filosofia; Humboldt considera-o um grande poeta da natureza, da realidade objectiva; e Frederico Schelegel, que pertence á epoca do romantismo em que se restabeleceu a continuidade entre o mundo greco-romano e medieval, aponta-o com a expressão de uma literatura inteira.

Theophilo Braga

(Historia da Literatura Portuguêsa, II Renascença, 391 e seguintes.

*

Os meus alegres, venturosos dias
Passarão, como raio, brevemente;
Movem-se os tristes mais pesadamente
Apoz das fugitivas alegrias.

Ah! falsas pretenções! vãas phantasias!
Que me podeis já dar que me contente?
Já de meu triste peito a chamma ardente
O tempo reduzio a cinzas frias.

Nellas resolvo agora erros passados;
Que outro fructo não deo a mocidade,
A quem vergonha e dor a minha alma deve.

Revolvo mais de toda a mais idade,
Desejos vãos, vãos choros, vãos cuidados
Para que leve tudo o tempo leve.

*

Se Luiz de Camões, em pureza de costumes, condissesse com a sobr'excellencia do engenho, seria exemplar unico de talento irmanado com o juizo. Não se conciliam as regras austeras da vida serena e pautada com as convulsões da phantasia. Amores d'alto enlevo e de baixa estôfa, o ideal de Catharina de Athaide e as carnalidades das malabares e baiaderas levantinas—o exalçar-se a regiões de luz divina e o cahir nos tremedaes do vulgo—essas vicissitudes que a si mesmo fazem o homem assombroso em sua magestade e miseria, tudo isso foi Camões, e em tudo isso o foi semelhante aos genios eminentissimos; mas nenhum homem como elle pôde redimir-se de suas fragilidades, divinisando os erros da imprudencia, fazendo-se amar nos extravios, e immortalisando-se em um livro que, ao fechar de tres seculos, alvoroça uma nação. E' de nós todos esse thesouro legado por um homem que no dia 10 de junho de 1580 expirava na obscuridade. Elle teve de esmola a mortalha. Permitta a Providencia das nações que os *Lusiadas* não sejam a explendida mortalha que Luiz de Camões deixou a Portugal.

Camilo Castelo Branco.

(Prefácio da setima edição do *Camões* de Garrett).

*

Redondilha

Mote

Descalça vai para a fonte
Leonôr pela verdura;
Vai formosa e não segura.

Voltas

Leva na cabeça o pote,
O testo nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata,
Sainho de chamalote:
Traz a vasquinha de cote,
Mais branca que a neve pura
Vai formosa, e não segura.

Descobre a touca a garganta;
Cabelos de ouro entrançado,
Fita de côr d'encarnado,
Tão linda que o mundo espanta:
Chove nela graça tanta,
Que dá graça á formosura;
Vai formosa e não segura.

VARIA

Os jacobinos da direita, querendo mascar na reputação do Presidente da Comissão Executiva, despejam-lhe, como em qualquer viela do fado, o epiteto de caixeirola.

Não queremos crer que pessoas nobres e educadas fossem autoras da coisa tola que é desmerecer dos outros pela modestia da situação que ocupam, mesmo porque êste jogo mesquinho de baboseiras é muito do uso de certos que se matam para darem a impressão duma ascendência brazonada, renegando a ferramenta honrada duns pais honrados, ou dos que julgam decifrar numa carta de formatura o tronco de genealogias ilustres.

Empregado de comércio não é lugar de tal desdouro que o não procurem exercer honestamente muitos filhos de pessoas das mais elevadas categorias.—Fialho d'Almeida viveu sete anos arrumado numa botica, a fazer emplastros e pilulas, comendo a berundanga que sobrava do jantar da familia e dormindo num cacifro de seis palmos de largo, por vinte de comprido e dez de altura.

Mariano Felgueiras, que exerce allás o lugar de guarda livros numa das primeiras casas industriais de Guimarães, anda a formar-se em direito na Universidade de Coimbra. Só quem tem as suas raras faculdades de actividade e inteligência puderia suportar a vida fatigantissima que êle leva, estudando de madrugada, trabalhando no escritório, recebendo dezenas de homens

ôdos os dias, leccionando o filho, lendo e ilustrando o espírito e fazendo uma administração municipal progressiva, em tudo condigna desta cidade e das melhores tradições do nosso municipio.

Mas a critica é facil... e a decência é rara...

*

Para malsinar o projecto de importantissimos melhoramentos em que a Câmara anda empennada, recorreu-se ao sabído expediente da insinuaçãosinha porcalhona, fazendo supor que se ia contribuir tôda a farinha, quando o impôsto é lançado *sómente sôbre a farinha de trigo*.

Ali, na visinha Braga, o mesmo imposto existe dêsde 1901 e tôdos sabem que os seus habitantes teem pão trigo ao mesmo preço e em muito melhores condições de fabrico e de qualidade do que nós.

O impôsto não fará aumentar o preço do pão. Que, de resto, o pão de trigo não é consumido pelas classes pobres do concelho, a cujos ouvidos andam a badalar estas trampolinices politicas para alimentar o sagrado fôgo.

... E o juizo mais raro ainda,

*

Uma historia

Rangel de Quadros dizia de uma vez no tribunal:

—O senhor faz-se tão, tão bom! Faz-se bom de mais. Diga-me, quantos anos tem?

—Trinta e cinco.

—Gosta de mulheres? Diga com franqueza.

—Saberá v. s.ª que nem por isso. E' coisa de que nunca fiz nem faço maior caso.

—Não gosta Está dito! ponderou o juiz.

—Delas nunca veiu bem ao mundo, sr. juiz.

—E de comer bem gosta? tornou Rangel.

—Gosto de me alimentar o suficiente. O homem, como o sr. juiz muito bem sabe, deve comer para viver, mas não viver para comer. Não dou aprêço aos prazeres da bôca.

—Tambem não dá aprêço a isso. E' lhe indiferente gostar de alguem e ter alguem que goste de si?

—Completamente indiferente.

—E comer uma truta rosada da nascente do Mondego nas voltas que dá o rio junto da Serra da Estrela, ou um rabo de bacalhau, tambem é para si a mesma coisa?

—A bem dizer, a mesma coisa.

Nisto o juiz mudou de tom.

—Tenha cautela, agora. Vamos ao interrogatório. O senhor, pelo que acaba de me dizer, deve ser um pessimo homem.

Não gosta da mêsa nem do amôr!—Cautela, agora, vai começar o interrogatorio!...

Julio Cesar Machado

Medicina de urgência

Emquanto não vem o médico

Asfixía

I. Asfixía pela respiração de gazes nocivos.

Deve vigiar-se a ventilação dos quartos em que se queima carvão, o bom funcionamento dos aquecedôres portateis, as fugas do gaz de iluminação, a instalação de chaminés nas fossas. São as ocasiões vulgares da asfixía pela respiração de gazes toxicos ou simplesmente improprios á respiração.

Nos casos de asfixía, deve rapidamente colocar-se o doente ao ar, ao ar frêsco, conserva-lo deitado, despi-lo, friccioná-lo fortemente com uma flanela embebida numa substância excitante: cognac, vinagre, agua de colonia, etc., dando lhe a cheirar vinagre forte, sais, etc.

Se a respiração se não manifestar pelos movimentos do peito, é indispensavel praticar com urgência a respiração artificial, de que vamos falar.

II Asfixía pela submersão.

Coloca-se o individuo, que se estava afogando, durante alguns minutos sôbre o lado direito, com a cabeça inclinada. Facilita-se assim a saída duma certa quantidade de agua que obstruía a bôca e o nariz.

Tenta-se abrir-lhe a bôca e limpá-la das mucosidades e corpos estranhos que contiver. O meio eficaz, se a respiração se não restabelecer depressa, é ainda a respiração artificial.

Eis como se procede:

O doente está deitado de costas. Coloca-se-lhe uma almofada, ou coisa capaz de a substituir, debaixo dos hombros de maneira a elevar um pouco o peito. O operador coloca-se á beira da cabeça do doente. Pega nos dois braços acima do cotovêlo, levanta-os e estira-os horizontalmente para trás, depois recondu-los ao longo do torax, que comprime ligeiramente. Este movimento é repetido 15 a 18 vezes por minuto e deve continuar-se durante muito tempo, e, sendo preciso algumas horas. Durante esta operação, é necessario aquecer o doente por meio de fricções, panos quentes, botijas ao longo do corpo e dos membros inferiores.

A insuflação de bôca para bôca pode tentar-se se a respiração artificial não der resultado. As inalações de oxigenio prestam bons serviços.

Como se limpam os tapêtes

Desfaz-se um fel de boi num balde de agua e lava se o tapête esfregando o com uma escova que não seja dura, ligeiramente molhada nêste liquido. Forma-se uma espuma que desaparece á medida que se escova o tapête como fica dito; e vai-se enxugando a parte já lavada com um pano limpo e sêco.

Se as côres do tapête estão um pouco desbotadas basta passa-lo com uma solução fraca de alumen e soda depois de o ter lavado com fel e agua. Se êste processo não fôr eficaz para tirar tôdas as nodoas, mistura se grêda com o fel e aplica-se depois.

*

Tinta para escrever no zinco

Sulfato de cobre .	5	partes
Sal amoniaco . .	5	»
Sulfato de ferro. .	5	»
Acido nitrico . .	10	»
Negro de fumo. .	5	»
Gôma Senegal . .	5	»
Agua . . .	50	»

Pode tambem dissolver-se sulfato de cobre em tinta comum e escrever com uma pena de pato.

Os impulsos da consciencia nacional e a Guerra

Na hora de incerteza e turvação a que chegamos, anciosamente se pergunta quem a fez e para que, que insánia ou que providencia bemfazeja a trouxe e que glória ou que precipitação nos agoura. E a preocupação do interesse nacional, sentindo-o tocado de perto e fundamente pela tormenta que devasta as terras de além fronteiras, logo se alvoroça a prescrutar de que fortuna ou de que desgraça essa hora será portadora para a pátria portuguêsa; se foi bem ou se foi mal, se foi incitação de nobreza ou degradação de aviltamento, propósito inteligente ou insensatez, esta vertigem em que encontramos enfeudada a nossa sorte á fatalidade trágica dos mais altos poderes politicos do mundo, entre si lançados em uma temerosa guerra.

E' já tarde para discutir vantagens e inconveniencias da intervenção ou da abstenção de Portugal na guerra, ou sequer os termos diferentemente proveitosos em que poderiamos intervir ou abster-nos. Factos consumados se encarregaram de resolver toda a dùvida e besitação e nos privaram de qualquer possibilidade de escolha. Tudo o que ainda é licito conjecturar e sonhar, não pelo que importe a uma liberdade definitivamente alienada, mas pelo que signifique para julgarmos o passado e acautelarmos o futuro, é a dignidade ou miseria da situação e as suas ligações proximas e remotas, que sequencia ou que revolução implica em o nosso modo de sêr, que caminho nos traça, a que responsabilidades obedeceu e nos obriga.

Um comicio de tres mil pessoas, reunido ha pouco em Nova York, concluia, ao fim de larga e violenta discussão, pela declaração votada e aplaudida de que «a segurança e a honra do povo americano e o seu dever de defender e manter os direitos da humanidade reclamavam dêle que aprovasse a causa por que os Aliados combatem, e que a esses Aliados prestassem, por quaisquer meios em seu poder, não só simpatia mas tambem cooperação directa em tempo oportuno, para que o governo do pôvo pelo pôvo e para o pôvo não findasse na terra.»

O episodio é elucidativo pela singeleza e clareza, sem contar que a circunstância de sêr passado em país de muito baralhadas raças, e por isso mais isento de parcialidades e paixões, lhe confere um singular valor de crítica.

O que fôra a afirmação e preocupação de pensadores e apostolos começaria a propagar-se nas tendencias e opiniões das multidões e pelo seu aplauso seria consagrado. Segundo a concepção de um ajuntamento de gente livre e culta, da mais culta do mundo, da mais esclarecida nos fins e vias da civilisação, dois modos de sêr politicos e sociais se encontram em conflito. O mundo teria chegado realmente a uma conjuntura, decisiva até onde a constituição das sociedades póde sêr decisiva, na qual é chamado a escolher entre o despotismo e a liberdade, entre as aristocracias militares e a democracia, entre a sujeição por hereditariedade e o governo por eleição, entre a força e o direito. São essas as divindades soberanas que moveram os exercitos, embora invôltas, como sempre andaram, em um tropél de miserias e torpezas.

Um acaso, só na aparencia acaso e essencialmente a expressão de um caracter obscuro na genése mas poderosissimo nos efeitos, quiz que tudo tenhamos arriscado pela liberdade e pela democracia contra as aristocracias militares e seu inerente despotismo. A ingenuidade, de ordinário afeita ao mais proximo, imediato e transitório, verá nêste momento a intenção dos homens publicos e as artes subtis das suas diplomacias; mas quem desconfiando dos trabalhadôres da ultima hora procurar aqueles que os mandou, acabará convencido de que ignotos impulsos, subtis energias inflexiveis, nos lançaram na contenda e nela nos designaram o logar que ocupamos. A politica, aqui como em toda a hipotese, quando chega a proclamar aspirações e a tresmuda-las em mandados, vem apenas murmurar, e o mais das vezes em palavras e actos de notavel frouxidão e obscuridade, o que uma necessidade da alma popular formou, quiz e exigiu na sua poderosa vitalidade alimentada por uma laboração secular. Uma herança inalienavel, toda fundada no latinismo autentico que nos moldou o caracter e nos anda nas veias, na tradição e nos costumes, colocou-nos do lado dos Aliados; uma identidade constitucional etnica e politica nos apartou para o seu lado, como por afinidades secretas se juntam e englobam as moleculas de uma mesma substância. A aliança derivou de um facto natural, e não de um capricho politico ou de qualquer violencia ou constrangimento. Certa fascinação do sangue, um subito e misterioso reconhecimento da nossa familia politica e a exaltação nas suas aspirações organicas dominaram as nossas inclinações e nos incitam a servi-las.

Até mesmo é de notar, para quem serenamente coordenar os factos, como êste sentimento se tem insinuado lenta e progressivamente na opinião publica desde a declaração e começo da guerra, quando entre nós abundou, não haja duvida, o deslumbramento do prussianismo arrogante e a confiança nos seus triunfos e glorias. Gradualmente, pela penetração de uma consciencia menos levianamente inadvertida, a opinião corrente oscilou e mudou; ao entusiasmo pelas façanhas militares da Alemanha e ao espanto da sua força prodigiosa e de sua preparação inaudita sucede um justo receio da sua vitoria, cada vez menos desejada ou mais temida, até entre aqueles que a principio a imaginaram a maior fortuna de um mundo ávido de riquezas, ordem, governo, regalos e comodidades pessoais, esse mundo absorvido no regrado e faustuoso paganismo de que a Alemanha deu um exemplo incomparavel. Pouco a pouco tem acordado o sonho de liberdade e o pressentimento dos perigos que a ameaçam; pouco a pouco se ouve a voz dessa igualdade e justiça que é a essencia do latinismo na sua concepção politica, coroada, como santificada, pelo cristianismo. E emquanto a consciencia dos seus interesses desperta, compreendendo a que duelo de morte o destino nos conduziu, dissipa se o deslumbramento da força militar que no primeiro arrojo confundira a muito boa fé de uma sinceridade tão honesta como mal avisada; desfez-se o engano e em seu logar espalha se um vago culto de tradições politicas constitucionais que, conhecendo grave risco de opressão, modera a admiração e o entusiasmo pelo prussianismo, quando radicalmente o não aborrece.

(Continúa)

D'A Aguias

Jaime de Magalhães Lima

E' pois numa escola genuinamente portuguêsa que nós devemos ministrar a instrução literária.

E' a escola o templo sagrado onde tôdos deveriam entrar cheios de fervôr. Infelizmente porém, êle fica muitas vezes quasi completamente vasio. Nas classes de mais avançada civilisação encontramos sempre o amor á instrução literária, e tôdos os pais curam de mandar os seus filhos á escola afim de encetarem os seus conhecimentos.

E' rarissimo encontrar-se nestas classes uma crianças que na idade propria não tenha feito o seu exame de instrução primária e portanto não é esta classe que mais deve prender a nossa atenção na luta contra o analfabetismo. Não acontece porém o mesmo nas classes laboriosas, naquelas que ainda hoje não estão convictas da necessidade de instruir-se. Para essas é que se estão criando constantemente escolas; para essas é que se tem promulgado leis tendentes a tornar obrigatoria a frequencia do ensino até certa idade. Mas as escolas que se criam ficam redusidas a meia duzia de alunos, quando não completamente desertas e as leis permanecem no olvido, dormindo o sôno calmo e sereno das coisas inuteis, emquanto o operário, o lavradôr, o pequeno proprietário e até ás vezes o grande continuam no seu pernicioso intuito de conservarem os seus filhos na mais cega ignorância da lingua pátria.

E todavia é na infância que êsses connecimentos devem ser adquiridos, porque mais tarde as fadigas do trabalho arrebatam o estímulo ao estudo.

E' pois absolumente necessário que todos os elementos que por qualquer modo possam exercer uma influencia salutar envidem tôdos os esforços para que a lei que tornou o ensino primario obrigatorio se cumpra e a escola deixe de sêr um vacuo inutil. Ensinemos a criança a lêr e escrever, ministremos-lhe a instrução primária, essa súmula de connecimentos que a deixa apta a no futuro se dedicar ao estudo da sua lingua e procurar no livro, no jornal, na revista, na correspondencia, os elementos, que a habilitam a bem desempenhar-se da missão que lhe está reservada.

Precisamos de dizer ao lavradôr, ao operario, ao artista que não perdem o tempo quando mandam o seu filho a escola: precisamos de convencê-los da necessidade inadiavel de educar os seus filhos fazendo-lhes vêr os perigos a que está sujeito tôdo aquele a quem faltam as bases essenciais a uma existencia desafogada. Levemos os velhos a bem dizer a escola: que as crianças entoarão hinos de agradecimento a quem para elas as encaminhou. E uma vez difundida a primeira instrucção com ela virá o amor a tudo que é nosso, o desejo ardente de saber mais e mais, a vontade intima de conhecer o que diz êste, o que escreve aquele, o que disseram, escreveram e fizeram os nossos antepassados, emfim a dedicação extrema a tudo que è nosso.

Alfredo Fernandes

Eduardo d'Almeida

ADVOGADO

Consultorio—Rua de Gil Vicente

NOTICIÓSA

Casamento

Consorciou-se hoje no Porto o nosso estimado conterraneo e simpatico amigo Arlindo de Souza Vinagreiro com a Senhora D. Aida Agostinha de Souza, gentil e prendada filha do importante comerciante portuense Antonio Fernandes de Souza e D. Margarida Agostinha de Souza.

Os nossos cumprimentos de felicitação com o desejo sincero de muitas venturas.

Os noivos fixam a sua residencia no Porto.

*

Pela imprensa

Recebemos a visita dos nossos estimados colegas — *A Voz de Gaia* —, jornal republicano filiado no partido republicano português e — *A Voz do Operario* —, importante semanario lisbonense, orgão do operariado.

*

Sport

Com o entusiasmo dos dedicados á *venatoria* e perante um juri constituido pelos srs. Joaquim Machado, José Caetano Pereira e Domingos Freiria, e tambem perante numerosa assistencia de senhoras e cavalheiros, realisou-se, no domingo, no *stand* do Club de Caçadores, á Feijoeira, o anunciado torneio de tiro aos pombos.

Tomaram parte 35 atiradores, sendo destes, os mais classificados, os seguintes:

Gaspar Ribeiro da Silva Castro, 1.º premio (Quadro a pastel); Domingos Fernandes Azenha, 2.º premio (Estojo para toilette); Avelino Pereira, 3.º premio (Manteigueira de cristal e prata); Idalino Machado, 4.º premio (Frasqueiro); Basilio Lemos, 5.º premio (Tinteiro de arte); Paulino Ferreira, 6.º premio (Fato sport); Joaquim Ferreira, 7.º premio (Bengala de malacca); F. Machado Guimarães, 8.º premio (Pasta pintada a oleo); Alberto Costa, 9.º premio (Pena de prata).

*

No dia 18 do corrente mês realisa-se nas Caldas das Taipas uma grande festa desportiva — torneio de tiro aos pombos.

A inscrição custa 10 pombos e 1$50, e termina uma hora antes de começar o torneio.

Alem de valiosos objectos de arte, ha mais 40$00 e 15$00 para premios.

A importancia de 15$00 foi oferecide pelo povo das Taipas.

*

Visita

Os alunos e alguns professores da Escola Industrial Infante D. Henrique, do Porto, visitaram no domingo, esta cidade. Estiveram na Sociedade Martins Sarmento, Escola Industrial, Liceu, Castelo, Museu da Celegiada e S. Torcato, retirando possuidos das melhores impressões.

Acompanharam-os o director da Escola Industrial «Francisco de Holanda», sr. Abel de Vasconcelos Cardoso e reitor do Liceu, sr. José Luís de Pina.

Homenagem

Na sala das sessões da Associação Comercial vai ser solenemente colocado o retrato do saudoso vimaranense, Eduardo Almeida, que a esta colectividade prestou relevantes serviços.

O retrato, pintura a oleo, é mais um primoroso trabalho do querido e consumado artista vimaranense o sr. Abel Cardoso.

Associamo-nos intimamente a tão justa homenagem.

*

O grupo de senhoras e cavalheiros que ha dias realisou o espectaculo em benefício da Oficina de S. José, repete, a pedido, o programa daquela festa no dia 14, no teatro D. Afonso Henriques, revertendo o producto a favor da Cruz Vermelha Portuguêsa e Creche de Guimarães.

*

Um grupo de graficos bracarenses vem a esta cidade no dia 16 do proximo mês de Julho, em passeio recreativo

*

Milho

As freguesias de Lordelo, Moreira de Conegos, S. João das Caldas, Tagilde, S Faustino de Visela, S Paio de Visela e Serzedo, por serem limitrofes doutras do districto do Porto, teem de munir-se da respectiva guia de transito sempre que pretendam fazer aquisição de milho para consumo das suas populações.

*

Na Misericordia

No hospital da Misericordia, desta cidade, houve, no mês de Maio findo, o seguinte movimento de doentes:

Doentes existentes no dia 30 de Abril 53 homens, 77 mulheres, total 130.

Entrados durante o mes 64 homens, 93 mulheres, total 157.

Saidos curados: 28 homens, 35 mulheres, total 63.

Saidos melhorados: 21 homens, 31, mulheres, total 52.

Saidos no mesmo estado: 9 homens, 7 mulheres, total 16.

Falecidos: 8 homens, 8 mulheres, total 16.

Existentes no fim do mes: 53 homens, 7 mulheres, total 140.

Consultas no banco: 145 homens, 188 mulheres, total 333.

Curativos: 288 homens: 281 mulheres, total 519.

Medicamentos concedidos a doentes pobres externos, gratis; total 261.

*

Teatro Gil Vicente

No Gil Vicente representou-se no domingo, a revista «Tarde piaste» de que é autor o sr. Luiz Teixeira Jacinto.

A casa estava repleta.

*

Na 5.ª feira, no mesmo teatro, em recita extraordinaria, beneficio da actriz Nena Corona e do actor Fernandes de Oliveira, representou-se a revista «Ai que fita» com um acto novo; «Ao correr da fita».

Outra enchente.

Amanhã, na mesma casa de espectaculos, subirá á scena a popular peça em 4 actos e seis quadros «Santo Antonio».

*

Na Carteira

Foram mandados apresentar no 8.º grupo de metralhadoras os srs. Tenente Fraga e Alferes Sampaio, oficiais de infantaria 20

— Encontram-se em Melgaço, com suas familias, os srs. José Jacinto e Florencio Leite Lage.

— Com sua esposa, está em Caldelas o sr. João Rodrigues Loureiro.

— No dia 12 do corrente mês, realisa-se na freguesia de S. Lourenço de Calvos, deste concelho, a romagem da Lapinha.

— No dia 13 ha festividade religiosa e arraial na freguesia de Castelões, deste concelho.

*

Falecimentos

Com avançada idade, faleceu em S. Torcato, o sr. José Ferreira d'Abreu, pai dos snrs. Emiliano, João, Ovidio e Carlos Abreu.

— Está de luto, por falecimento de seu tio, sr. Dr. Placido da Costa, ocorrido no Porto, a esposa do sr Francisco de Assis Costa Guimarães.

Sentimentos aos doridos.

*

Tribunal Judicial

DISTRIBUIÇÃO

Junho 12 — Acção ordinária de Antonio Fernandes, viuvo, proprietário do logar da Egreja, de Caldelas, contra Manuel Brito Pinto Mais, do logar da Quintã, da dita freguesia.

6.º oficio

Inventario de maiores de José Dias Teixeira Gomes do logar de Sub-ribas, de S. Paio de Vizela.

3.º oficio

Acção comercial de Joaquim da Costa Vaz Vieira, de Creixomil, contra João Mendes Ribeiro, viuvo, de S. Jorge.

6.º oficio

Idem de Francisco Joaquim de Freitas, contra o Padre José Ferreira da Rocha, João Baptista Ferreira da Rocha e Joaquim Patricio Saraiva, os dois primeiros da freguesia de Mogege, Famalicão e o ultimo desta cidade.

6.º oficio.

*

Recenseamento militar de 1916

Inspecções

Todos os mancebos do concelho de Guimarães, recenseados no corrente ano, são avisados para comparecer á inspecção da junta de recrutamento, nos seguintes dias:

20 de junho — Os das freguesias de Abação — S. Cristovão —, Abação — S. Tomé —, Airão — Santa Maria —, Airão, Arosa, Atães, Azurem e Balazar.

Dia 21 — Os de Airão — S. João —, Barco, Briteiros — S.to Estevão Briteiros — Santa Leocádia —, Briteiros — S. Salvador —, Brito e Candoso — S. Martinho.

Dia 22 — Os de Caldas — S. João —, Caldas — S. Miguel —, Calvos, Candoso — S. Tiago, Castelões e Conde.

Dia 23 — Os de Caldelas, Corvite, Costa, Creixomil e Donim.

Dia 24 — Os de Fermentões, Figueiredo, Gandarela, Gemeos, Gominhães, Gonça, Gondar e Gondomar.

Dia 26 — Os de Guardizela, e Guimarães — S. Sebastião —.

Dia 27 — Os de Guimarães — Oliveira — e Infantas.

Dia 28 — Os de Guimarães — S. Paio —, Leitões, Lobeira, Longos, Mascotelos, Matamá, Mesão-frio e Nespereira.

Dia 29 — Os de Lordelo, Moreira de Conegos, Oleiros, Paraiso, Pencelo e Polvoreira.

Dia 30 — Os de Ponte, Prazins — S.ta Eufemia —, Prazins — S.to Tirso —, Rendufe, Roufe e Sande — S. Clemente.

Dia 1 de julho — Os de Pinheiro, Sande — S. Lourenço —, Sande — S. Martinho, Sande — Vila Nova — e Selho — S. Jorge.

Dia 3 — Os de S. Torcato, Selho — S. Cristovão, Selho — S. Lourenço —, Serzedelo e Serzedo.

Dia 4 — Os de Silvares, Souto, — S.ta Maria, Souto — S. Salvador, Taboadelo, Tagilde, Urgezes, Vermil, Visela — S. Faustino e Visela — S. Paio. —

*

Vão brevemente ser reinspeccionados, para o que serão afixados editais convocatórios, os individuos que foram isentos pelas juntas districtais, pelas juntas regimentais, pelas juntas hospitalares; os que foram julgados incapazes já depois de terem assentado praça, os que foram recenseados e não inspeccionados e os dispensados por amparo e por frequentarem o curso teológico.

*

Farmácia

JUNHO — 11 — domingo: Está aberta a farmácia Alves Mendes, Passeio da Independencia.

EMPREZA THERMAL DAS TAIPAS

Sociedade Anonima de responsabilidade Limitada

CAPITAL ESC. 60.000$00

Assembleia Geral Ordinaria

Por ordem do Snr. Vice presidente, tenho a honra de convidar os Srs. Accionistas a comparecer na Assembleia Geral Ordinaria que ha-de efectuar-se na Séde da *Empreza*, em 2 de Julho proximo, ás 23 horas, para discutir e votar o Relatório, contas da Administração e o Parecer do Conselho Fiscal, referentes ao exercicio de 1915.

Caldas das Taipas, 7 de Junho de 1916.

O 1.º Secretario da Assembleia Geral,

Emilio Monteiro de Azevedo

*

Assembleia Geral Extraordinaria

Devidamente autorisado pelo Sr. Vice-presidente da Assembleia Geral, convido os Srs. Accionistas para uma reunião extraordinaria que, a pedido da Direção e de accordo com o Conselho Fiscal, deve realisar-se no dia 2 de Julho proximo, pelas 14 horas, no edificio da Séde, a fim de ser apreciada uma proposta de aumento do capital da Empréza.

Caldas das Taipas, 7 de Junho de 1916.

O 1.º Secretário da Assembleia Geral,

Emilio Monteiro de Azevedo.

MISERICORDIA DE VIZELA

2.ª convocação

Não podendo, por falta de numero legal, ter logar a assemblêa geral dos irmãos desta Misericordia, em 1 do corrente mez, para a eleição da meza, nos termos do artigo 29.º dos seus estatutos, è convocada nova reunião para a proxima 5.ª feira, dia 15, pelas 19 horas, para o mesmo fim, funccionando com qualquer numero de irmãos presentes.

Vizela, 6 de Junho de 1916.

O Presidente da Assemblêa Geral,

Armindo de Freitas Ribeiro de Faria.

ARREMATAÇÃO

A Comissão Concelhia de Administração dos Bens Eclesiasticos em Guimarães, faz saber que até ao dia 20 do corrente ás 12 horas, recebe propostas em carta fechada para a arrematação de obras nos presbiterios de S. Miguel das Caldas e Pentieiros e na casa do Priorado, sob a base de licitação repespetivamente de 39$90, 7$50 e 80000.

As condições das obras a efectuar acham-se patentes na secretaria da Comissão, onde poderão ser examinadas.

Guimarães, 8 de junho de 1916.

O Presidente da Comissão,

Abel de Vasconcelos Cardoso.

E'ditos de 40 dias

(2.ª Publicação)

Pelo juizo de Direito do 3.º oficio, abaixo assinado, correm éditos de quarenta dias, que se começarão a contar depois da segunda e última publicação dêste anuncio, citando os interessados Manoel da Silva Salgado, solteiro e maior, José Salgado, viuvo, e tambem maior, ausentes em parte incerta na cidade de Lisbôa; Maria Rosa, casada com José Ribeiro e Domingos da Silva, casado, êstes ausentes em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para assistirem a tôdos os termos até final do inventário orfanológico a que se procede por óbito de seus tios Antonio Mendes e sua segunda mulher Maria Rosa, moradôres que fôram no logar do Salgueiral, freguesia de S. João de Ponte, desta comarca, isto sem prejuizo do regular andamento do aludido inventário.

Guimarães, 29 de Maio de 1916.

Verifiquei a exatidão

O Juiz de Direito,

José Rodrigues dos Santos.

O escrivão do 3.º oficio,

Luiz Candido Lopes

ESTANCIA TERMAL DAS TAIPAS

(Situada a 14 quilometros de Braga e 8 de Guimarães)

Aguas meso-termais, hipo-salinas, sulfúrias, carbonatadas, (sodicas e cálcicas), cloretadas, litinadas, silicatadas, fluoretadas, arsenicais, *radioactivas*

AS ÚNICAS AGUAS DO PAIZ PARA A CURA DAS DOENÇAS DE PÉLE

Tratamento das afecções dos aparelhos respiratorios, digestivos e gênito-urinario; reumatismo; manifestações artriticas e sifiliticas

Tratamento das doenças das Senhoras sob a direcção de uma Medica

INSTALAÇÕES COMPLETAS PARA ELECTROTERAPIA

CLINICOS DA EMPREZA -- Drs. Alfredo Fernandes e Celeste Azevêdo Fernandes.

EPOCA TERMAL--1 de Maio a 30 de outubro

"PROSPERIDADE"

Companhia de Seguros e Reseguros Terrestres e Maritimos

Sede no PORTO:

RUA DE TRAZ, N.º 7-2.º

Agente em GUIMARÃES:

António José Peixoto da Costa

Rua da Republica, n.º 144

DEPÓSITO DE PÓLVORA DO ESTADO

Agência da Companhia de Seguros
PORTUGAL PREVIDENTE

Tintas, vidros, oleos, cimentos e vernizes.
Completo sortido em molduras para quadros.
Papel para forrar casas.
Azulejos e mosaicos.
Artigos para caçadores, e muitos outros artigos pertencentes a este ramo de negocio.

Drogaria: Fernandes Guimarães & Irmão, Suc.sr

78, R. da República—Guimarães

FARMÁCIA NORMAL

Praça de D. Afonso Henriques, 17 a 20

Abriu no dia 1 de Janeiro este importante estabelecimento com um sortido enorme de todos os artigos farmaceuticos de maior consumo e de absoluta confiança exigidos pela moderna terapeutica.

Ao Ex.mo corpo clínico
AOS SEUS AMIGOS
Ao público em geral

Participam-no

Manuel Jesus de Sousa & C.a

O REPUBLICANO

Propriedade do Centro Democrático Vimaranense

(Publica-se aos sábados)

Ao Cidadão

Internato Municipal de Guimarães

Direcção e administração autónomas

Instrução primária
Instrução secundária
Música—Pintura.

O REPUBLICANO

Propridade do Centro Democrático Vimaranense

Publica-se aos sábados.

Preço da assinatura

Ano	1$20 cent.
Semestre . . .	$60 »
Brazil, ano (moeda forte)	2$50 »
Numero avulso. .	$03 »

Preços das publicações

Anúncios e comunicados, por linha.	4 cent
Repetição, por linha . . .	2 »

Permanentes, contracto convencional.

Anuncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.